Texto: Ana Rosa Dias Borges
Ilustrações: João Bosco

Categoria III

A Cova da Negra

MAISPAIC



Governo do Estado do Ceará
Secretaria da Educação

Texto: Ana Rosa Dias Borges
Ilustrações: João Bosco

A Cova da Negra







GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação

Fortaleza • Ceará • 2016



A meus pais e irmãos, ponto de minha partida.
A meus filhos, pela grandeza e amor.
A meus netos, que recebem as histórias de espanto e encanto como música.
A todos, com amor.



Zé de Tinga vivia lá pras bandas do Zabelê na Chapada do Araripe. Todos os dias, nos primeiros raios de sol, pegava o cabresto de seu cavalo e ia pro terreiro de sua casa. Assoviava tal qual uma graúna. O cavalo ouvia a melodia afinada, saía da mata fechada num galope macio, cheirava tudo ao seu redor e chegava perto do seu dono como quem dizia: “Estou aqui”. Enfrentavam juntos o medo e o perigo. Tangiam rebanhos de boi mata a dentro. Pastoreavam o gado. Plantavam roçado.

Os antepassados do lugar contavam que os tataravós de Zé de Tinga, há muitas luas, ali chegaram. Vieram de Moçambique, país africano. Trazidos à força, amarrados, dominados por armas de fogo, flechas envenenadas.





Aqui foram escravizados por seu Quinco, coronel dono de tantas terras, mas tantas terras que se perdiam de vista. Trabalhavam nas fornalhas dos engenhos de rapadura. Atiçavam o fogo dia e noite, noite e dia, na mira do olhar envenenado e malvado do feitor do coronel Quinco. Choravam muito por suas existências sofridas.



Diziam os negros antigos, que a vontade de trazer com eles um pedaço do lugar onde viviam, lá na África, fez com que trouxessem, escondidas, nas bainhas de suas roupas coloridas, sementes de baobá. O baobá é uma árvore sagrada africana, que cresce, cresce, cresce! E é tão generosa que dela vem a vida: água, casa, remédio, comida e proteção.



Plantaram as sementes. E, assim, nasceram baobás por nossas matas. Por aqui, o baobá é conhecido como “barriguda”.





Os sábios negros contavam também dos andarilhos que correm o mundo e diziam que, quando numa mata ou numa trilha deserta tivessem a pouca sorte de se deparar com um bicho feroz, ao subir na barriguda escapavam da morte, pois as garras da fera ficavam presas em seu tronco gigante. E para o bicho enraivado se soltar trabalho dava. Hoje em dia, pouco se vê a barriguda. É uma aqui, outra acolá. Foram desaparecendo, cortadas, queimadas, arrastadas para dar passagem às estradas.



Zé de Tinga, montado em seu cavalo cantando toadas, vez por outra, encontrava a barriguda sagrada lá das bandas do Mulungu. Sentava embaixo para descansar. Depois, de joelhos, rezava na cruz da cova da negra. A madeira daquela cruz já estava escura de tão envelhecida. Em torno dela, restos de velas queimadas se amontoavam.





Zé de Tinga lembrava-se de suas origens. Do povo africano. Seu pai contava histórias de caçadores, das benzedeiras, dos alegres tocadores de tambores, das negras com seus corpos ritmados a dançar e dos turbantes enormes em suas cabeças. Comemoravam, agradeciam as bênçãos dos orixás. Ele olhava para os galhos gigantes da barriguda que subiam ao céu. Bandos de passarinhos iam e vinham numa cantoria só, a fazer seus ninhos. Todos ali arrumavam abrigo. Curiós, cabeças-vermelhas, azulões, rolinhas, canários... Uma festa!





E, ao ouvir tanto cantar, em meio àquele silêncio de frente àquela cruz, Zé de Tinga pegou-se a imaginar a triste história da negra Juvina. Essa história seu triavô contou a seu bisavô; seu bisavô contou a seu avô; seu avô contou a seu pai, e então, seu pai lhe contou.

Juvina era uma negra bonita de doer. Corpo solto, olhos redondos e azulados diziam tudo da sua alma. As sobrancelhas pareciam de veludo. Usava flores no cabelo. Trajava sempre um vestido estampado com margaridas, uma belezura. À custa de muito desejo, conseguiu ganhar de presente aquele vestido. Oferta de um caixeiro-viajante que, de ano em ano, perto do Natal, por ali aparecia. O caçuá da sua burra vinha carregadinho de enfeites. Fitas coloridas e brilhosas, vestidos, ruge, batom, água de cheiro, anéis com pedra da lua!
Um deslumbramento!



A gente de Juvina, tal como o povo de Zé de Tinga, veio da África. Também foram escravizados por seu Quinco, o tal coronel tinhoso, o diabo disfarçado, habituado a mandar, desmandar e açoitar seus escravos.



Um dia, seu Quinco achou de vender Juvina para um fazendeiro do Pernambuco. Dizia o infeliz: — É negra disposta, sadia, trabalhadeira! De tudo sabe fazer. Uma pechincha! Outra igual ia achar não! Leve logo, homem! Passe pra cá o saco de moedas de ouro! A negra já é sua.

Mas o homem disse que iria pensar. No dia seguinte, o coronel Quinco saberia.



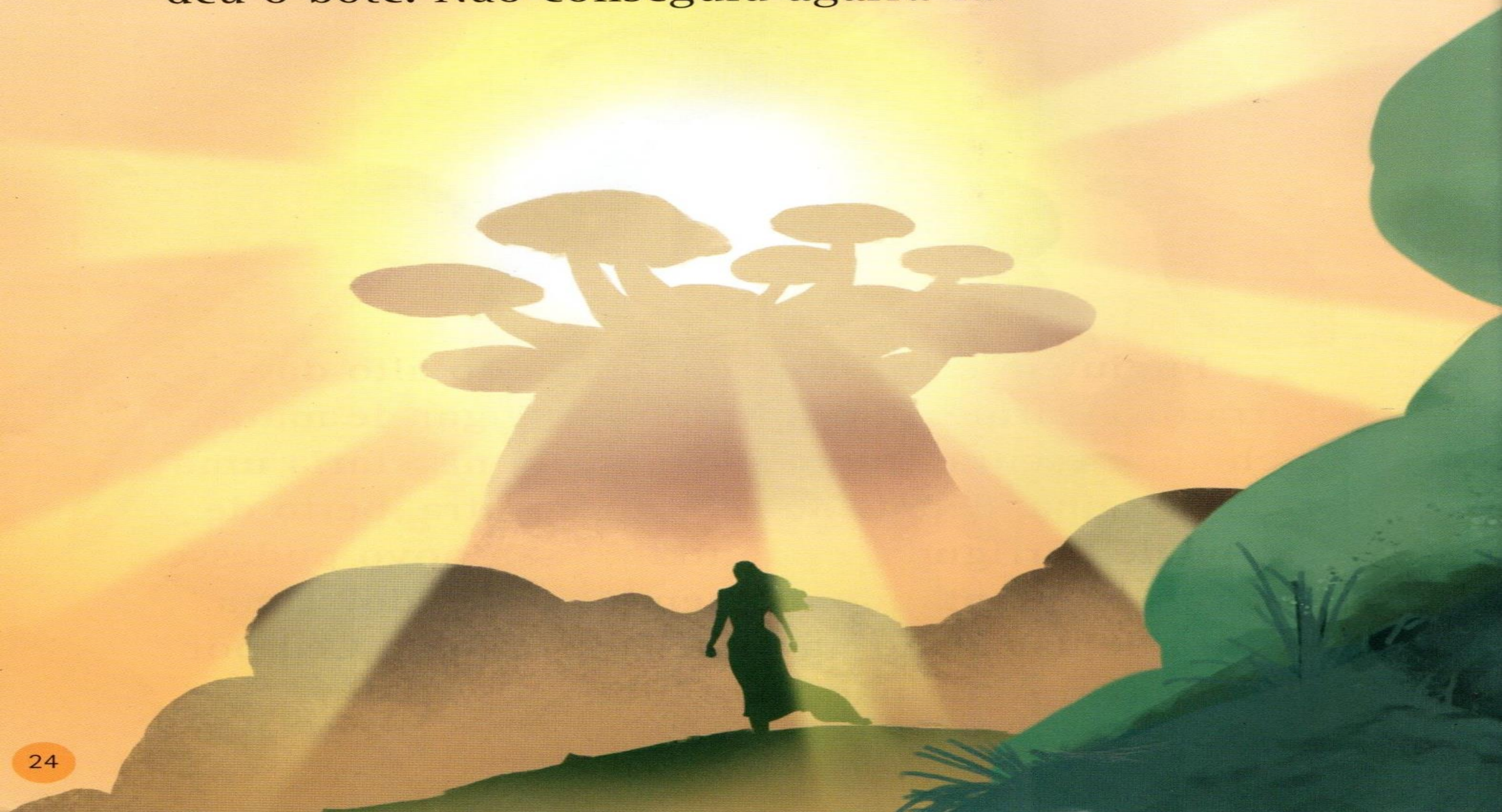
Juvina logo soube do negócio. Ficou apavorada. Como ia viver longe de seu povo? Onde era esse tal Pernambuco? Quem iria aguar suas roseiras? Quem iria lhe acudir quando o chicote tirano, malvado, às suas costas, com força, fossem fincar?





Fugiu em disparada, em busca do alto da Serra do Araripe. Ia pra Mulungu, lugar de mata fechada e escura. Quem sabe, por lá não faria uma casa de taipa, depois outra e mais outra, perto de um pé de barriguda, onde todo o seu povo pudesse viver livre, plantando, colhendo, comendo? Uma fartura de dar gosto na vida. O Riacho do Céu por ali passava. Água não iria faltar.

O dia amanheceu com o céu tingido de amarelo. O sol surgiu num piscar de olhos e Juvina avistou a sombra da barriguda. Ali se sentou. Estava com sede e com fome. Do nada surgiu uma onça-pintada. A moça encarou a felina. O bicho deu o bote. Não conseguiu agarrá-la.







A negra pensou na morte. Mas um fio de esperança lhe veio. Ia subir na barriguda. Muito depressa, para lá correu. Tinha uma pedra pontuda no meio do caminho. Ela foi pular e caiu do outro lado. A onça arreganhou a boca. Juvina sentiu o bafo do bicho, viu as presas afiadas. As narinas abertas do bicho sentiram o cheiro de carne fresca. Juvina sabia que não iria escapar. Fechou os olhos. O bicho avançou. Agarrou em seu pescoço. Conformada, amoleceu o corpo e a escuridão dela se apossou. Na pedra restaram somente poucas tiras de seu vestido florido.

Seu Quinco, que não se conformava com a fuga da negra, ordenou que encontrassem a danada, viva ou morta. Seus capangas se espalharam pelas matas. Deram com a pedra! Sentiram padecimento em seus corações. Capiongos, chegaram com a triste notícia:
— A onça-pintada tinha devorado Juvina!





E foi assim que o povo do lugar, tomado de angústia, subiu a Serra do Araripe, lá pro Mulungu. Todos queriam sentir de perto o amargor do destino de Juvina. Olhavam para a pedra debaixo da barriguda sem querer acreditar.

Cavaram uma cova, enterraram o pano florido. Uma cruz encravaram perto da pedra. Até hoje, a cova da negra é visitada. Vem homem, mulher, velho e criança. Rezam, oram, pedem chuva, inverno bom, fartura e toda sorte de boa ventura. Dizem que são atendidos. Zé de Tinga tirou de seu matulão uma vela vermelha! Era uma oferenda para Juvina. Naquele dia, voltou pro Zabelê com um aperto no coração.



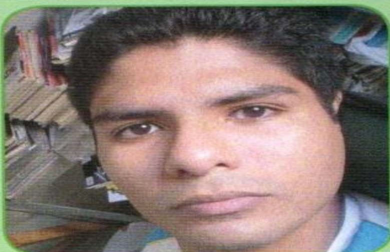


E a barriguda, centenária, continua, ali, majestosa! Sua frondosa copa com seus galhos a buscar o céu, parece suplicar ao sopro divino da negra Juvina que olhe para o povo desse lugar!



Ana Rosa Dias Borges

Venho de um lugar em que se contava muita história. Aquela calçada, de degraus sem fim, alta, naquelas noites estreladas, luar de boa ventura, dava assento aos contadores de histórias que soltavam seus verbos. As histórias pertencem ao mundo dos sonhos. Descobri então que pertenço a esse mundo. Contar histórias é um céu de imaginário! Conto histórias escrevendo, conto histórias entoando a voz.
Esse mundo de sonhos quero doar a todos. E o conto aqui escrito nos revela um sonho: a ânsia de liberdade do povo negro e escravo caririense.
Sou Ana Rosa Dias Borges. Nasci em Crato, Ceará. Cursei Licenciatura em História, pela Universidade Regional do Cariri, (Urca) e especialização em Literatura Infantojuvenil pela Faculdade Frassinetti de Recife, Pernambuco (Fafire). Sou educadora social. Pesquiso o reino encantado das comunidades narrativas orais da Chapada do Araripe.



João Bosco

Nasci na cidade de Santo André, São Paulo, no dia 4 de julho de 1981. Moro em Fortaleza, Ceará, desde 1994. A literatura para mim é uma porta para outros mundos, onde a imaginação corre solta e podemos sonhar acordados. Ilustrar para crianças significa partilhar um mundo particular e torná-lo um território livre para os pequenos usarem o que têm de melhor: a criatividade. Participar dessa coleção me faz renovar tudo que sei de ilustrar, permitindo resgatar elementos do passado, como o lúdico e o prazer de brincar com as linhas e as cores, indo além da realidade e bom senso do adulto que insiste em atrapalhar a nossa diversão.

Apoio















GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

Realização



GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação



O Governo do Estado do Ceará desenvolve, com os seus 184 municípios, o **Programa de Aprendizagem na Idade Certa – MAIS PAIC**, com o compromisso de garantir e elevar a qualidade e os resultados da educação de suas crianças e seus jovens.

Publicada pela Secretaria da Educação do Estado, através do MAIS PAIC, a **Coleção Paic, Prosa e Poesia**, rica em identidade cultural, reúne narrativas de autores do Ceará que tiveram seus textos selecionados por meio de seleção pública. Esse acervo constitui um estímulo a mais para se ler e contar histórias em sala de aula, garantindo, assim, um letramento competente.

ISBN: 978-85-8171-139-3

